http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/editorial-eventos-extremos-parte-2/

Editorial dossiê "Eventos extremos - parte 2"

Apresentação

Vivemos hoje sob um novo regime climático que reconfigura tanto o ambiente físico do planeta, como também nossa maneira de habitar, existir e perceber o mundo. A alternância entre eventos extremos — calor e frio intensos, chuvas torrenciais e secas severas, incêndios e inundações — indica que estamos diante de uma transformação profunda no sistema terrestre. Hoje, a comunidade científica global entende que estamos diante de um cenário agravado pelas mudanças climáticas globais e pelo modelo civilizatório baseado na exploração ilimitada da natureza, tratada como recurso, como objeto.

A intensificação da crise hídrica no Sudeste e da estiagem na Amazônia e no Centro-Oeste, a maior recorrência de ondas de calor, baixa umidade, temporais e enchentes regionalizadas, são eventos que têm evidenciado o caráter avassalador dos efeitos das mudanças climáticas e da crise ambiental em nós. Atravessamos a destruição das infraestruturas urbana e rural, dos sistemas de proteção em áreas de risco e vulnerabilidade, além da interrupção dos serviços básicos, vivenciando a escassez ou excesso de água, a falta de energia elétrica e de meios de transporte e de rodovias. A dimensão do trauma e da incerteza desorganiza o futuro e exige a escuta de novos imaginários.

A emergência climática, portanto, escancara uma crise que tem no paradigma do progresso e da financeirização da vida, ainda hegemônico, a grande contribuição para a intensificação das desigualdades sociais e ambientais. Queremos, aqui, pensar juntos no próprio conceito de "eventos extremos", torná-lo um problema coletivo a ser experimentado inter e transdisciplinarmente. Por isso, a pergunta: E se elaborarmos outros modos de dar a ver, sentir e viver os eventos extremos? Este dossiê propõe, portanto, refletir sobre os sentidos dos eventos extremos diante da crise ambiental à luz da interdependência ecológica, apontando para a urgência de repensar nossas práticas, afetos e modos de vida para o bem viver.

Nesse sentido, compreendemos que a segunda parte do dossiê "Eventos extremos" dá seguimento à urgência de sistematizar estudos e práticas que experimentem vínculos afirmativos cultivados na confluência mútua, entre comunidades e territórios, entre humanos e mais que humanos, entre conhecimentos e práticas, entre artes e ciências, entre passados, futuros e presente. Este número, portanto, reúne trabalhos focados nas dimensões científicas, ecológicas, discursivas, educacionais, filosóficas e comunitárias da crise ambiental.

Visão geral das produções (O "mapa" do dossiê)

As produções que compõem a parte 2 deste dossiê tensionam as respostas estatais e corporativas — da defasagem curricular e inconsistência de dados educacionais à expansão da exploração fóssil —, ao mesmo tempo em que investigam as disputas de sentido travadas no ecossistema informacional. Diante dos impactos psicossociais dos desastres, as obras propõem ainda a escuta das percepções comunitárias, o cultivo de alianças multiespécies e a centralidade da escola para a formulação de práticas de cuidado e de resiliência territorial.

A seção de **Artigos** inicia evidenciando os desafios estruturais na educação e na comunicação. Em "Mudanças climáticas no cerrado brasileiro: uma análise das orientações curriculares para o ensino de geografia", Marilia Alves Ferreira e Julia Victória Dos Santos Soares documentam a abordagem superficial do tema na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular de Goiás (DC-GO). A omissão desampara metodologicamente os docentes e compromete a formação crítica dos estudantes sobre adaptação e mitigação no bioma. A disputa epistêmica é aprofundada em "A disputa de sentidos da desinformação no novo regime climático: uma análise de discurso no jornal O Globo", pesquisa na qual Cláudia Herte de Moraes, Vanesa Romansin e Simony Grave mapeiam as Formações Discursivas (Negacionista, Fossilista e Simbólica) que desestabilizam instituições e retardam a ação climática. O estudo ressalta a urgência da educação midiática e o papel do jornalismo de referência como reparação epistêmica. Por sua vez, a crise ecológica atual é problematizada sob uma perspectiva filosófica e política por Moysés Pinto Neto em "Sob a intrusão da Terra: a enchente do Rio Grande do Sul e as fabulações especulativas do Antropoceno". O autor aponta a falência do dualismo cartesiano diante da tragédia de 2024 e examina matrizes de pensamento de futuro — Aceleracionismo, Comunismo

de Luxo, Cthuluceno e Plantationoceno/Exterminismo — exigindo um reenquadramento ontológico e político da crise.

No campo das respostas institucionais e territoriais, “Gestão de riscos e desastres: entre a integração institucional e a integralidade do cuidado”, de Flávia Cardozo de Mattos e coautoras, analisa a dispersão terminológica da área para propor um continuum conceitual que articula a governança federativa à saúde coletiva e à territorialização do Sistema Único de Saúde (SUS). Por sua vez, a perspectiva da comunidade é expandida em “Percepções comunitárias sobre eventos extremos e sistemas de alerta em São Luiz do Paraitinga (SP)”, de Ana Carolina Bichoffe e coautores. O estudo evidencia as limitações dos alertas exclusivamente digitais em contextos de apagão ou isolamento rural, defendendo a adoção de estratégias multicanais, a valorização da ciência cidadã e ações permanentes de Educação para a Redução de Riscos de Desastres (ERRD) sustentadas no conhecimento empírico local. Por último, o artigo “Gestão da atenção psicossocial em desastres: relato de experiência em um abrigo provisório durante as enchentes no Rio Grande do Sul, Brasil” de Helen Barbosa dos Santos, Daniela Barsotti Santos e Tiffani Gomes Cardozo, analisa a atuação voluntária da psicologia em uma escola pública de Porto Alegre que acolheu famílias atingidas de Eldorado do Sul durante a catástrofe de 2024. Fundamentadas na psicologia social e institucional e na antropologia, as autoras problematizam como o voluntarismo desarticulado, a lógica permanente de urgência e a ausência da política de assistência social produzem revitimizações, fadiga de compaixão e riscos éticos. O estudo demonstra que superar práticas assistencialistas exige diagnóstico institucional e atuação intersetorial, organizando núcleos de cuidado e espaços coletivos de escuta para fortalecer a autonomia, os direitos sociais e a reconstrução da vida.

A seção de **Ensaios** expande as reflexões para as dimensões do luto, das alianças interespécies e das responsabilidades socioambientais perante o colapso. Em “As crias do fogo: alianças, existências e educações em meio ao Piroceno”, Marcos Allan da Silva Linhares recorre ao conceito de “crias do fogo”, inspirado em Donna Haraway, para formular práticas colaborativas de coexistência nas ruínas das queimadas do Cerrado. Por sua vez, a urgência de lidar com os sinais de que algo está errado, conduz “Cartas no fim do mundo: o que acontece quando encaramos os escombros?”, de Hayana Reis de Lima Freitas e Lorena da Costa Wilpert. Por meio de correspondências cruzadas, as autoras refletem sobre o fim do mundo e da nossa relação

intrínseca com outros seres não-humanos, experimentando uma escrita partilhada e animada pelo desejo de seguir encarando os escombros. Já em "Os extremos de Miyazaki ou 'Como vocês vivem?'", Simone Portela Brugnera aborda os limites da existência a partir de sua experiência pessoal com as animações Princesa Mononoke e O menino e a garça, de Hayao Miyazaki. A autora identifica no cinema um modo para sustentar a vida e o encantamento em meio às incertezas climáticas, habitando os problemas de modo não inocente.

Seguimos com "A inundação que não passa: impactos psicossociais e desafios da vida escolar pós-enchente", de Rosana Aparecida Fernandes, Beatriz Garcia Lúcio e Caroline Nogueira Haas. Diante do desmantelamento das rotinas escolares provocado pelas enchentes no Rio Grande do Sul, ocorridas em 2024, o texto relata os desafios de atuar, dois anos depois, nesses espaços devastados. Para isso, elas, por meio da Educação Ambiental e Climática, desafiaram os discursos fatalistas e posicionaram a escola como polo de reconstrução de vínculos com a Terra.

Em "Fricções e confluências de uma COP na Amazônia: ecologias decoloniais como resposta aos extremos climáticos", de Joana Varon, Júia Vidal dos Santos Borges, Vanessa França da Silva, Amanda de Faria Sánchez e Mayra Queiroz Muniz, a 30ª edição da Conferência das Partes, realizada na COP 30, em Belém, é analisada. São identificadas tensões entre o discurso institucional político, ao propor ações hegemônicas, e as práticas dos movimentos de resistência e defesa do território, representados pela Cúpula dos Povos entre outros. A conclusão revela a inadequação estrutural das respostas tecnocráticas do espaço diplomático oficial, onde o *greenwashing* da Economia Verde mascara a continuidade da exploração de corpos-território.

Nesse mesmo sentido, temos que a responsabilização pela destruição ambiental é quantificada no ensaio "Queimando o futuro: impactos socioambientais da exploração petrolífera do pré-sal e da margem equatorial brasileira", de Daniel Antoine Abou Jaoude. O autor articula o Custo Social do Carbono e o Valor Estatístico da Vida (VSL) para estimar número de óbitos futuros e os custos decorrentes da expansão da fronteira petrolífera nacional, fornecendo uma métrica contundente para o licenciamento ambiental e a justiça climática. Por fim, "Entre humanos e mais que humanos: biologia, cultura e estudos multiespécies na formação docente em Ciências e Biologia", de Roberta Megumi Yukawa Vanessa Alynne Morgenstern, Manuela Silva da Silveira, Paulo Bruno Pereira Brito e Inez Repttom Dias, consolida a desconstrução do dualismo na prática de ensino.

Valendo-se de colagens, listas e produções textuais que entrelaçam ciência, cultura, arte, o ensaio propõe uma educação científica multiespécie e alicerçada na ética do cuidado.

Em **Fluxo contínuo** recebemos o artigo "Entre a racialização da matéria e a mineralização da condição humana: a mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha-MG e aquilo que acontece sem o tempo" de Caleb Santino de Sá, no qual o autor realiza uma etnografia do evento Lithium Business e analisa os estudos ambientais da mineradora Sigma Lithium para revelar como o conhecimento geológico e a corrida pela transição energética reatualizam gramáticas coloniais. Mobilizando Elizabeth Povinelli, Kathryn Yusoff e Denise Ferreira da Silva, o estudo demonstra como a separação entre vida e não-vida opera simultaneamente a racialização da matéria e a mineralização de corpos indígenas e quilombolas, convertendo territórios vivos em zonas de sacrifício administráveis.

E na seção **Resenhas**, apresentamos "Atafona: cartografias, arquivos e imaginários da terra em erosão" de Bárbara Breder Machado, Emanuella Pessanha da Rocha Pereira e Yasmin Victória Barreto Lima, que examina a obra organizada por Julia Naidin e Fernando Codeço sobre o avançado processo erosivo no litoral norte fluminense. A resenha percorre as múltiplas camadas de análise do livro — das intervenções hidráulicas e portuárias no Rio Paraíba do Sul às fabulações mitopoéticas e decoloniais —, destacando como o deslocamento ambiental e a ruína costeira mobilizam práticas de museologia social e a criação de "(an)arquivos" comunitários para sustentar a memória diante da perda territorial.

Essa edição conta ainda com produções artísticas.

Na seção **Artes**, apresentamos "Abajo reconstruimos", de Maíra Velho, com impressões serigráficas feitas de tinta argilosa, em que são representadas imagens da mandioca, da batata-doce e do amendoim, plantas nativas e cultivadas pelos povos originários e que resistem às monoculturas. O "Álbum da enchente", de Will Cava, traz gravuras em linóleo que expressam, por meio da força gráfica arrebatadora do artista, cenas interpretadas da enchente de 2024, no Rio Grande do Sul. Flavio Barollo e Wellington Tibério apresentam em "Piscinas do fim do mundo" registros fotográficos da ação performática realizada em piscinas de plástico instaladas em centro urbano, onde manipulam elementos naturais e mergulham em águas turbulentas como crítica às emergências climáticas. "Pra lembrar daquela rua" e "Bordando a memória e a justiça em pontos

firmes", de Geisa Teles da Silva, traz o bordado sobre a fotografia impressa para elaborar memórias de territórios em ruínas. "O milho, o rio e o sono do cio", de Damiana Bregalda, traz fotografias digitais soprepostas em imagens do norte e do sul do país, a partir da observação de diferentes tempos e espaços no cultivo de alimentos durante extremos climáticos. "A condição de leito de rio", de Bruno de Paula Oliveira, apresenta imagens de movimentos do rio em xilogravuras e intervenção digital. Esteve Maris de Mello Pereira utiliza, em "Territórios de escuta: fotografias para habitar", o meio fotográfico para registrar o deslocamento por terra e água em Belém, compreendendo o habitar como escuta da paisagem e travessia entre corpos. Bruno Lopes traz a ilustração "Cidades jardins", situada na Amazônia, para discutir a natureza-cultura de povos indígenas passados ao cultivar moradas e a própria floresta. Por fim, Luana Pagel de Mello, em "As flores do nosso funeral", representa, por meio de pintura acrílica sobre papel, uma coroa de flores funerária com espécies ameaçadas, seguindo a tradição da vanitas (pinturas tradicionalmente barrocas que abordam a temática da efemeridade, morte, vazio e vaidade).

Na seção **Ensaios visuais** contamos com a produção de Alberto M. R. Semeler e Luiza da Motta Horn "Acúmulo material e preservação da memória" que tensiona o aceleracionismo digital e a obsolescência programada a partir dos rastros deixados pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul. Ao imprimir dispositivos eletrônicos descartados sobre placas de argila queimada, o trabalho dialoga com a ancestralidade construtiva dos sambaquis e com o conceito de mídias úmidas, propondo a cerâmica como suporte perene e contraponto crítico à suposta imaterialidade da "nuvem".

Temos ainda uma seção **Laboratório-Ateliê**, que nesta edição apresenta várias produções do grupo multiTÃO (CNPq), do Labjor-Unicamp: desde eventos como o "multiTÃO pesquisas 2026", o "Águas em rede: confluências hidrográficas", e as "Mesas de trabalho com águas e pássaros", às germinações coletivas como "Cartografia afetiva das águas emendadas", "Ativando as águas com lambes nas ruas", e criações coletivas ativadas por artistas e pesquisadores convidados do multiTÃO, como "Lama, arte e crimes-catástrofes", coordenado por Maíra Rodrigues Silva e realizado na Casa de Cultura Fazenda Roseira, "Bandeira das águas", coordenado pela artista Silvana Sarti e realizado no Ateliê Serafina, e "Aliançar artes e ciências em tempos de catástrofes", coordenado por Valéria Scornaienchi e resultado da residência artística da ClimaCom "Eventos extremos: aprender com as águas".

Finalizamos esta edição com a seção **Entrevista**, em que compartilhamos a conversa que Ana Laura Carnelossi fez com Vera Reichert, intitulada “Do fundo do mar à cidade submersa”.

Convidamos os leitores a percorrerem a parte 2 do dossiê, cujo trabalho partilha o exercício de uma escuta complexa e que resiste às respostas prontas, simples, únicas e padronizadas, fomentando novas perguntas.

Agradecimentos

O fluxo de avaliação por pares em duplo-cego conferiu precisão e rigor metodológico ao material aqui publicado. Agradecemos aos pareceristas e aos autores pelo trabalho cuidadoso. E, finalmente, agradecemos ao CNPq pelo financiamento.

Editores

Antonio Carlos Queiroz Filho (Universidade Federal do Espírito Santos - Ufes)

Bruno Amaral de Andrade (Universidade Federal da Bahia - Ufba)

Lilian Maus (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

Rodrigo Paiva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

Suzana Montenegro (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Susana Oliveira Dias (Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)